

Falar sobre relações familiares é de grande responsabilidade.

Envolve inúmeros conceitos, valores, comprometimentos. Cada um desses itens pode ser analisado sob óticas diferentes, dependendo da origem das pessoas e família envolvidas: regiões geográficas, valores religiosos, conceitos filosóficos, culturas e tantos outros itens que poderíamos enumerar.

É verdade que aqui temos, como propósito para o estudo, a Doutrina Espírita, seus fundamentos filosóficos, morais e religiosos.

Temos como base o Evangelho do Cristo, o Evangelho Segundo o Espiritismo, Livro dos Espíritos e literatura complementar: Emmanuel, Joanna de Ângelis e outros.

Ainda temos que considerar o entendimento de Família no plano físico, Família espiritual, tendo ainda que considerar a grande Família Universal.

No caso específico deste Estudo, basicamente vamos nos deter na Família no Plano Físico. Como nos define Joanna de Ângelis, em o livro Estudos Espíritas, cap. 24:

Família ⁽¹⁾

“Grupamento de raça, de caracteres e gêneros semelhantes, resultado de agregações afins, a família, genericamente, representa o clã social ou de sintonia por identidade que reúne espécimes dentro da mesma classificação. Juridicamente, porém, a família se deriva da união de dois seres que se elegem para uma vida em comum, por meio de um contrato, dando origem à genitura da mesma espécie. Pequena república fundamental para o equilíbrio da grande república humana representada pela nação.

A família tem suas próprias leis, que consubstanciam as regras de bom comportamento ^() dentro do impositivo do respeito ético, recíproco entre os seus membros, favorável à perfeita harmonia que deve vigorar sob o mesmo teto em que se agasalham os que se consorciam.”*

(...)

*“A família, em razão disso, é o grupo de espíritos normalmente necessitados, desajustados, ^(**) em compromisso inadiável para a reparação, graças à contingência reencarnatória. Assim, famílias espirituais frequentemente se reúnem na Terra em domicílios físicos diferentes, para as realizações nobilitantes com que sempre se viram a braços os construtores do mundo. Retornam no mesmo grupo consanguíneo os espíritos afins, a cuja oportunidade às vezes preferem renunciar, de modo a concederem aos desafetos e rebeldes do passado o ensejo da necessária evolução, da qual fruirão após as renúncias às demoradas uniões no mundo espiritual...”*

(...) A família é mais do que o resultante genético... São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas e árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina, no mesmo grupo doméstico em que medram as nobres expressões da elevação espiritual na Terra.” ⁽¹⁾

Alguns conceitos que poderão nos auxiliar a refletir sobre esses aspectos colocados por Joanna de Ângelis:

^(*) Ágape – amor incondicional, sem exigir nada em troca. É o amor baseado no comportamento e escolha.

Podemos considerar que o sentido utilizado nesta passagem bíblica: ***Amai os vossos inimigos***, é Ágape. O amor-comportamento.

Nem sempre conseguimos controlar o que sentimos por alguém, mas conseguimos controlar nossos comportamentos.

Ágape é o mesmo que comportar-se amorosamente (ser paciente, honesto, respeitoso), não se comportar inconvenientemente, não compactuar com a maldade, mas com a verdade, não conservar um erro cometido, desistir de manter o rancor.

^(**) Precisamos ter em mente que as dificuldades que ocorrem em razão de algum comportamento, muitas vezes reconhecido como de desvio moral e ético, se deve não só pela necessidade de aquele que detém

esse comportamento vir a aprender e evoluir, como também para que os companheiros de jornada venham a aprender e evoluir com a convivência.

Esses ditos comportamentos de desvio moral muitas vezes são tão somente formas de viver diferentes a que estão acostumados aqueles com quem vivem. Aprendizados de ambas as partes.

Não somos detentores de verdades absolutas, somos seres que trazem uma carga emocional, moral e ética de origens diferentes e que precisamos ampliar e reprogramar nossos conceitos de convivência.

Nós nos sentimos muitas vezes como que desajustados em relação a alguns de nossos familiares, como se fossem desafetos e não participantes de um mesmo grupo familiar pelos quais deveríamos sentir carinho, amor.

Laços de Família ⁽²⁾

Parecem-nos estranhos certos sentimentos que nos ocorrem e não compreendemos nem sabemos lidar com eles na maior parte das vezes.

Precisamos recorrer à reencarnação para buscarmos explicações que nos levem a compreender e a lidar com o assunto de forma lúcida e saudável.

Temos oportunidades inúmeras de convívio com várias pessoas em diversas vidas. Ora somos irmãos. Vez por outra pais ou companheiros. Algumas vezes amigos, em outras algozes ou vítimas.

Quando temos a oportunidade de conviver com antigos companheiros de jornada, muitos sentimentos guardados de forma quase sempre inacessível em nossa memória podem aflorar, sem que consigamos compreender a razão, e sentimos simpatia ou desconforto sem entendermos o porquê.

São as nossas ligações do passado que vêm à tona.

Nossas relações familiares são muito mais abrangentes do que podemos imaginar.

Estamos sempre conectados uns aos outros, mesmo que não nos lembremos, saibamos ou compreendamos.

Relação Pais e Filhos ⁽²⁾

Ainda no tema das relações familiares, gostaria de refletir a respeito do que costumamos chamar de ingratidão ou incompreensão dos filhos.

Normalmente abordamos essa questão sob a ótica de os filhos serem rebeldes, terem outros valores, não compreenderem o mundo, à nossa volta, com sua falta de experiência e conhecimento.

É verdade que eles olham o mundo de forma diferente da nossa, estão começando a vida cheios de incertezas, como também de esperanças. Querem desbravar o mundo e conquistar os seus espaços e estão sedentos de conhecimento e experiências novas.

Não têm medo de enfrentar o novo.

Nós, depois de alguns anos, tivemos várias experiências, ora positivas, ora negativas. Criamos nossos próprios valores. Já aprendemos que nem sempre conseguimos o que queremos ou sonhamos.

As experiências novas nem sempre são as que nos trazem maiores alegrias e começamos a resistir ao que não conhecemos, queremos nos sentir seguros e termos tranquilidade.

Tudo isso é normal.

O que gostaria de refletir aqui é sobre a nossa atitude como pais, se nos sentimos injustiçados ou incompreendidos por nossos filhos:

- por havermos feito de tudo e não percebermos a retribuição ou gratidão por parte deles;
- por vermos fazerem exatamente o inverso do que pensamos ter ensinado.

Precisamos parar por alguns momentos e refletir a respeito do assunto:

- será que realmente fizemos o que deveríamos e poderíamos por nossos filhos?
- ensinamos a eles com o nosso exemplo de vida ou simplesmente passamos informações que gostaríamos que fizessem parte do rol de comportamentos desejáveis?

- mostramos a eles como devem respeitar os seus pais, nós, respeitando os nossos próprios pais?

- nós soubemos valorizar a sabedoria dos mais velhos, tentando aprender com eles, dando aos nossos filhos o exemplo?

- mostramos a eles que todas as pessoas são merecedoras do nosso respeito e compaixão e que todos fazemos parte de uma grande família chamada Humanidade?

Nada é tão intenso quanto a atitude do dia-a-dia! A forma mais óbvia de se oferecer uma lição!

A mensagem mais convincente é a mensagem do exemplo.

Devemos procurar nos observar e pensar de forma sincera, buscando correção nas nossas atitudes para que ofereçamos exemplo com atitudes autênticas, verdadeiras.

Família Universal - Convivência Sagrada ⁽³⁾

O relacionamento entre as pessoas é algo extremamente complexo. Estão envolvidos muitos fatores que interpõem obstáculos para uma fluência melhor nas trocas de emoções, na exposição de interesses, mesmo daqueles que não estão diretamente envolvidos.

Esses obstáculos podem se originar de vivências anteriores que, por trazerem uma carga de experiências negativas, limitam nossa capacidade de oferecer a outrem o nosso amor, compreensão.

Em outros momentos, pode ser pelo receio de sermos criticados, de vermos frustradas tentativas de aproximação e, por isso, na maioria das vezes não nos damos oportunidades que poderiam resultar em ricos momentos de evolução e crescimento pessoal.

Inúmeras são as vezes em que, antecedendo uma abordagem de nosso interesse, apresentamos a nós mesmos prováveis problemas a surgirem, criando uma barreira sem nos permitir, sequer, a oportunidade da tentativa.

Somos seres que vivem em sociedade. Não temos vocação para uma vida solitária, à exceção de poucos. Temos de trocar emoções, não necessariamente por contato físico, pois o olhar é expressivo o bastante para transmitir toda uma carga de emoção, de carinho; as palavras carregam uma força de comunicação importantíssima.

Precisamos aprender a utilizar todo o nosso potencial de expressão, trabalhando nossos limites, medos e, principalmente, nossa excessiva exigência com nossos próprios padrões de comportamento, que impedem a naturalidade na forma de nos expormos perante o mundo, até de fazê-lo em sua forma mais simples.

Além de aprender a melhorar nossas atitudes, com relação aos limites que formos incorporando no decorrer de nossas experiências com o outro, seria muito bom que pudéssemos estar atentos à possibilidade de também estarmos sendo geradores de limites, medos e obstáculos em outras pessoas.

Assim, seria excelente colocarmo-nos na condição de observadores, buscando sempre oferecer aos outros o que de melhor temos em nosso interior, abrindo canais cada vez maiores de comunicação, fazendo fluir nossa emoção de forma cada vez mais edificante para nosso desenvolvimento pessoal e do grupo a que pertencemos.

Precisamos conhecer melhor a nossa lente de observações do mundo, pessoas, circunstâncias e conscientizarmo-nos da necessidade de perceber melhor o que fazemos, sentimos e pensamos, pois com o nosso modo de viver interferimos em tudo o que nos cerca (sejam outras pessoas, animais, plantas, matéria inanimada). Nossas ações, pensamentos, palavras, emoções não só podem ajudar como também desajustar, dependendo do padrão vibratório que emitimos ao nosso redor – diz-nos a ciência ser esta ambientação todo o Universo ou Multiverso, considerando que tudo está interligado por uma rede de energia a que, no Espiritismo, damos o nome de Fluido Cósmico Universal.

Identificamos sermos responsáveis pelo nosso bem estar, pela nossa saúde e processo evolutivo, como somos também responsáveis por tudo o que nos rodeia, na proporção direta de nosso próprio cometimento.

Um pequeno pensamento, uma ideia que se mostra interessante, em decorrência procedemos a conjecturas, elaboramos ações... a partir de então, essas ações como que tomam vida e estaremos disponibilizando nossas ideias àqueles que têm sensibilidade para percebê-las, seja no plano físico da vida, seja um espírito no plano invisível.

Compartilhamos, a todo momento, informações, ideias, conhecimento e, muitas vezes, não temos percepção de o estarmos fazendo. Somos agentes constantes. Devemos considerar então: que tipo de agente temos sido? Somos praticantes de boas causas; buscamos a nossa reforma moral; temos como meta o aprimoramento nas relações sociais; visamos a transformação, para melhor, do meio em que vivemos?

São perguntas que nos devemos fazer e almejamos alcançar, dentro do nosso possível, respostas afirmativas para todas elas.

A dinâmica do aprender, fazer e transformar é determinante da nossa evolução espiritual, principalmente se envolvidos pela energia do amor, conjugada à fé em realizar.

Em procedendo assim, encontraremos a alegria em viver, a satisfação em ser útil através da caridade em sua mais forte expressão.

Convivemos diariamente com a diversidade, seja de raça, de credos, de escolhas de diferentes caminhos para o exercício do viver, até mesmo de concepções artísticas. Somos muito apegados a formas de ver, de sentir, de crer, de olhar e muitas vezes não nos permitimos ampliar nossos horizontes.

Sejamos solidários, companheiros e fraternos para que possamos alcançar nossos objetivos de forma plena, pois isso só dar-se-á se estivermos juntos, compartilhando o que conseguimos amearhar no caminhar solitário.

Creio que podemos transformar este caminhar solitário em solidário e promovermos juntos a transformação individual e, por decorrência, a transformação coletiva, quiçá planetária.

Pode ser um sonho, mas os sonhos existem para serem realizados.

Diz-nos Emmanuel em o livro Vinha de luz, por Chico Xavier):

“Quando Jesus recomendou o crescimento simultâneo do joio e do trigo, não quis senão demonstrar a sublime tolerância celeste, no quadro das experiências da vida.” (Emmanuel, do livro Vinha de Luz, por Chico Xavier)

Quando salientamos a diversidade de forma negativa, intensificamos nosso preconceito e exacerbamos nossas ações sectaristas.

No entanto, quando buscamos, no outro, características positivas e as tornamos evidentes aos demais, além de fortalecermos nas pessoas a vontade de continuar agindo de forma positiva, também abrimos a oportunidade para que outros possam passar a vê-lo de forma diferente a partir daquele momento. Ampliamos o raio de ação da gentileza e da bondade à nossa volta.

Por vezes, pensamos já termos alcançado a indulgência, a tolerância, em nossas vidas, para com nós mesmos e para com os demais. No entanto, precisamos prestar atenção ao que realmente poderá estar ocorrendo no íntimo do nosso Ser. Estamos sendo indulgentes ou estamos agindo de forma a parecer sermos indulgentes? Podemos até expressarmos-nos de forma tolerante quando conversamos ou expomos alguma opinião, mas, interiormente, continuamos com um olhar preconceituoso, traçando várias reflexões que ainda condizem com nossa recusa em aceitar as diferenças? É a intolerância que se mantém camuflada dentro de nós.

Se assim for, ainda há muito o que fazer na busca pelo autoconhecimento. Procurar entender o que realmente está ocorrendo em nós; o que de fato já tenhamos alcançado em nossa autotransformação. Precisamos ser honestos com nós mesmos, desenvolver um olhar mais consciente e crítico sobre nosso verdadeiro Ser; abandonarmos as máscaras e olharmos-nos de frente, com rigor, mas também com bondade e retidão de propósitos.

Ao tempo que sejamos críticos, também tenhamos um olhar tolerante, gentil, bondoso. É o deixar emergir da profundidade da Alma todos os nossos deslizes, imperfeições, e sermos indulgentes, pois a bondade proporciona a oportunidade de olharmos para nós mesmos sem medo, sem culpa, sem mágoa. Sendo gentis e tolerantes, nós nos permitimos o olhar profundo.

Reconhecendo nossas imperfeições, com bondade e tolerância, não haverá obstáculos a transpor para o reconhecimento e o arrependimento. São os primeiros passos para um processo evolutivo eficaz.

Finalizando nossas reflexões perguntamos: Quem somos nós, eu, você, nossos amigos, vizinhos, familiares?

Eu sou um espírito que vive aqui e agora – uma personalidade –, com nome, um corpo físico que me identifica para relações de trabalho, de relacionamentos sociais e de realizações e conquistas intelectuais, espirituais e até mesmo materiais.

Já passamos por personalidades diferentes das que hoje nos identificam.

Estamos nesta jornada terrena não pela primeira vez, certamente inúmeras vezes tivemos oportunidades as mais distintas, abrigados por uma matéria que nos deu forma física para sermos reconhecidos e mantermos uma convivência de experiências e aprendizados.

O Eu espírito abriga conhecimentos e experiências que nos fortalecem e proporcionam nosso caminhar mais firme e seguro, com mais definições do que pretendemos e do como podemos realizar. Abre-se um caminho de alternativas a partir do nosso conhecimento e da nossa capacidade de escolha. E se conquistamos mais equilíbrio e bom senso, temos maiores condições de atingir sucesso nas nossas escolhas e realizações.

Diante dessas reflexões, como poderíamos nos perceber como seres espirituais convivendo em um Universo?

Seríamos espíritos independentes, sem vínculos permanentes uns com os outros? Ou experienciamos outras vidas, por vezes encontrando-nos, relacionando-

nos, com vínculos afetivos, vínculos familiares consanguíneos?

Creio que somos, sim, espíritos interdependentes que por vezes se encontram e se relacionam em experiências físicas.

Não obstante nem sempre venhamos a nos encontrar em alguma vivência corporal, fazemos parte de uma grande família – a Família Universal.

Somos todos irmãos, já que somos filhos do mesmo Pai – o Criador.

(1) Estudos Espíritas, Joanna de Ângelis, por Divaldo Franco, FEB

(2) Mensagens – Livro VII, Elda Evelina, Bookess Editora

(3) Aprender com o Mestre – Sobre o Amor – Elda Evelina, Bookess Editora

Sugestões de leitura – pelo GECAM

Vereda Familiar – Tereza de Brito, por Raul Teixeira

Relações familiares – Enganos e acertos – José Medrado / Eurípedes R. dos Reis

Áudio do Estudo

<http://www.grupoirmaoestevao.org/sermons/estudo-da-familia-relacoes-familiares-elda-evelina/>

Relações familiares

“A família é mais do que o resultante genético... São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas e árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina, no mesmo grupo doméstico em que medram as nobres expressões da elevação espiritual na Terra.”

Estudos Espíritas, Joanna de Ângelis, Cap. 24

Coordenador - Claudionor

Facilitadora - Elda Evelina Vieira

GFEIE Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Estêvão

SGAN 909 Módulo G - Fundos

Reunião de 28 de março de 2020

Relações familiares

Transcrição de parte do áudio da Palestra oferecida no GECAM Grupo Espírita Casa do Caminho – Guará II

Falar sobre relações familiares é de grande responsabilidade.

Envolve inúmeros conceitos, valores, comprometimentos. Cada um desses itens pode ser analisado sob óticas diferentes, dependendo da origem das pessoas e família envolvidas: regiões geográficas, valores religiosos, conceitos filosóficos, culturas e tantos outros itens que poderíamos enumerar.

É verdade que aqui temos, como propósito para o estudo, a Doutrina Espírita, seus fundamentos filosóficos, morais e religiosos.

Temos como base o Evangelho do Cristo, o Evangelho Segundo o Espiritismo, Livro dos Espíritos e literatura complementar: Emmanuel, Joanna de Ângelis e outros.

Ainda temos que considerar o entendimento de Família no plano físico, Família espiritual, tendo ainda que considerar a grande Família Universal.

No caso específico deste Estudo, basicamente vamos nos deter na Família no Plano Físico. Como nos define Joanna de Ângelis, em o livro Estudos Espíritos, cap. 24:

Família ⁽¹⁾

“Grupamento de raça, de caracteres e gêneros semelhantes, resultado de agregações afins, a família, genericamente, representa o clã social ou de sintonia por identidade que reúne espécimes dentro da mesma classificação. Juridicamente, porém, a família se deriva da união de dois seres que se elegem para uma vida em comum, por meio de um contrato, dando origem à genitura da mesma espécie. Pequena república fundamental para o equilíbrio da grande república humana representada pela nação.

A família tem suas próprias leis, que consubstanciam as regras de bom comportamento ^() dentro do impositivo do respeito ético, recíproco entre os seus membros, favorável à perfeita harmonia que deve vigorar sob o mesmo teto em que se agasalham os que se consorciam.”*

(...)

“A família, em razão disso, é o grupo de espíritos normalmente necessitados, desajustados, em compromisso inadiável para a reparação, graças à contingência reencarnatória. Assim, famílias espirituais frequentemente se reúnem na Terra em domicílios físicos diferentes, para as realizações nobilitantes com que sempre se viram a braços os construtores do mundo. Retornam no mesmo grupo consanguíneo os espíritos afins, a cuja oportunidade às vezes preferem renunciar, de modo a concederem aos desafetos e rebeldes do passado o ensejo da necessária evolução, da qual fruirão após as renúncias às demoradas uniões no mundo espiritual...”

(...) A família é mais do que o resultante genético... São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas e árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina, no mesmo grupo doméstico em que medram as nobres expressões da elevação espiritual na Terra.”

Alguns conceitos que poderão nos auxiliar a refletir sobre esses aspectos colocados por Joanna de Ângelis:

Ágape – amor incondicional, sem exigir nada em troca. É o amor baseado no comportamento e escolha. ⁽²⁾

Podemos considerar que o sentido utilizado nesta passagem bíblica: **Amai os vossos inimigos**, é Ágape. O amor-comportamento.

Nem sempre conseguimos controlar o que sentimos por alguém, mas conseguimos controlar nossos comportamentos.

Ágape é o mesmo que comportar-se amorosamente (ser paciente, honesto, respeitoso), não se comportar inconvenientemente, não compactuar com a maldade,

mas com a verdade, não conservar um erro cometido, desistir de manter o rancor.

⁽²⁾ Precisamos ter em mente que as dificuldades que ocorrem em razão de algum comportamento, muitas vezes reconhecido como de desvio moral e ético, se deve não só pela necessidade de aquele que detém esse comportamento vir a aprender e evoluir, como também para que os companheiros de jornada venham a aprender e evoluir com a convivência.

Esses ditos comportamentos de desvio moral muitas vezes são tão somente formas de viver diferentes a que estão acostumados aqueles com quem vivem. Aprendizados de ambas as partes.

Não somos detentores de verdades absolutas, somos seres que trazem uma carga emocional, moral e ética de origens diferentes e que precisamos ampliar e reprogramar nossos conceitos de convivência.

Nós nos sentimos muitas vezes como que desajustados em relação a alguns de nossos familiares, como se fossem desafetos e não participantes de um mesmo grupo familiar pelos quais deveríamos sentir carinho, amor.

Laços de Família ⁽³⁾

Parecem-nos estranhos certos sentimentos que nos ocorrem e não compreendemos nem sabemos lidar com eles na maior parte das vezes.

Precisamos recorrer à reencarnação para buscarmos explicações que nos levem a compreender e a lidar com o assunto de forma lúcida e saudável.

Temos oportunidades inúmeras de convívio com várias pessoas em diversas vidas. Ora somos irmãos. Vez por outra pais ou companheiros. Algumas vezes amigos, em outras algozes ou vítimas.

Quando temos a oportunidade de conviver com antigos companheiros de jornada, muitos sentimentos guardados de forma quase sempre inacessível em nossa memória podem aflorar, sem que consigamos compreender a razão, e sentimos simpatia ou desconforto sem entendermos o porquê.

São as nossas ligações do passado que vêm à tona.

Nossas relações familiares são muito mais abrangentes do que podemos imaginar.

Estamos sempre conectados uns aos outros, mesmo que não nos lembremos, saibamos ou compreendamos.

Relação Pais e Filhos ⁽³⁾

Ainda no tema das relações familiares, gostaria de refletir a respeito do que costumamos chamar de ingratidão ou incompreensão dos filhos.

Normalmente abordamos essa questão sob a ótica de os filhos serem rebeldes, terem outros valores, não compreenderem o mundo, à nossa volta, com sua falta de experiência e conhecimento.

É verdade que eles olham o mundo de forma diferente da nossa, estão começando a vida cheios de incertezas, como também de esperanças. Querem desbravar o mundo e conquistar os seus espaços e estão sedentos de conhecimento e experiências novas.

Não têm medo de enfrentar o novo.

Nós, depois de alguns anos, tivemos várias experiências, ora positivas, ora negativas. Criamos nossos próprios valores. Já aprendemos que nem sempre conseguimos o que queremos ou sonhamos.

As experiências novas nem sempre são as que nos trazem maiores alegrias e começamos a resistir ao que não conhecemos, queremos nos sentir seguros e termos tranquilidade.

Tudo isso é normal.

O que gostaria de refletir aqui é sobre a nossa atitude como pais, se nos sentimos injustiçados ou incompreendidos por nossos filhos:

- por havermos feito de tudo e não percebermos a retribuição ou gratidão por parte deles;

- por vermos fazerem exatamente o inverso do que pensamos ter ensinado.

Precisamos parar por alguns momentos e refletir a respeito do assunto:

- será que realmente fizemos o que deveríamos e poderíamos por nossos filhos?

- ensinamos a eles com o nosso exemplo de vida ou simplesmente passamos informações que gostaríamos que fizessem parte do rol de comportamentos desejáveis?

- mostramos a eles como devem respeitar os seus pais, nós, respeitando os nossos próprios pais?

- nós soubemos valorizar a sabedoria dos mais velhos, tentando aprender com eles, dando aos nossos filhos o exemplo?

- mostramos a eles que todas as pessoas são merecedoras do nosso respeito e compaixão e que todos fazemos parte de uma grande família chamada Humanidade?

Nada é tão intenso quanto a atitude do dia-a-dia! A forma mais óbvia de se oferecer uma lição!

A mensagem mais convincente é a mensagem do exemplo.

Devemos procurar nos observar e pensar de forma sincera, buscando correção nas nossas atitudes para que ofereçamos exemplo com atitudes autênticas, verdadeiras.

Reflexões sobre alguns aspectos na convivência família

Amor no Lar

Este capítulo é a introdução ao livro com o um todo. O amor no lar é o foco das relações como pretendemos abordar o tema em questão.

A união das pessoas tem como princípio esse sentimento. Não obstante muitas vezes não percebermos desta forma. Apesar de nos relacionarmos, ainda que aparentemente, sem amor, foi o amor que trouxe a significação da nossa união no lar.

Trazendo o tema reencarnação para nosso tema, tomamos como reflexão o fato de, ainda no Plano Espiritual, nós escolhermos nos reunir e fazermos uma programação: os Espíritos que comporão parte o familiar de que faremos parte, comprometimento desses elementos.

Apesar de muitas vezes entre eles haver desafetos, esses foram reunidos por amor.

Então, o lar é reunião ocorrida por amor.

Se há um desafeto, um ou mais dos componentes escolheram acolher por amor a ele. Ou queremos promover essa reunião para que aprendamos a mar.

Família é uma reunião por amor.

Amor em equilíbrio

Para termos um bom convívio, precisamos nos conhecer, em primeiro lugar. Sem nos conhecermos não temos condições de nos expor como somos verdadeiramente. Nós nos conhecendo temos o cuidado no como nos colocar no ambiente em que vivemos. É como buscarmos uma relação saudável com aqueles de nossa convivência.

Na nossa experiência de vida, na jornada terrena, muitas vezes recebemos no nosso lar pessoas com as quais não nos relacionamos bem. Pessoas que não nos aceitaram fraternalmente em outras experiências. No entanto, nós nos propusemos a uma reunião de espíritos para aprender a viver juntos e tentar uma jornada de ambientação fraterna.

Essas proposições fazer parte do nosso arcabouço de informações, mas não as temos no consciente. Mas está na nossa memória.

Quando nos reunimos em um grupo familiar, poderemos e deveremos procurar nos conhecer e resgatar informações importantes para que esta reunião atinja seus propósitos. A espiritualidade, sabendo dos nossas boas intenções, irá auxiliar-nos nesse processo.

Nesse processo de conhecimento está contemplado o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Faz parte do como nos relacionarmos da melhor forma.

É o convívio pelo conhecer-se e conhecer o outro.

Consciência dos nossos defeitos, para buscarmos o a correção de nossas atitudes. Para evoluirmos.

Conhecer o outro para definirmos melhor nossas atitudes proporcionando oportunidades de uma relação

mais saudável com o próximo com quem experienciamos essa jornada.

É mais fácil relacionarmos-nos com o outro quando nos conhecemos e conhecemos nossos companheiros de jornada.

Sabemos dos nossos limites, como também os do outro. A linguagem que mais se adequa às nossas relações. Os obstáculos que poderiam dificultar nossos entendimentos se reduziram a um limite bem próximo ao aceitável: acolhimento e aceitação.

Esta forma de relacionamento mais saudável é que proporcionará a criação de raízes mais saudáveis e firmes nessa convivência. É do que precisaremos para cumprir nossa meta reencarnatória.

Como é que nós nos conhecendo e conhecendo o outro vamos realmente vamos realizar algo entre nós? Com o diálogo, com a convivência fraterna. São itens importantes para mantermos amor e equilíbrio nessas relações.

Ilumine suas horas

É o título do capítulo seguinte.

O que seria iluminar nossas horas?

Algumas das sugestões oferecidas pelo autor são: mantermos a alegria, promovermos passeios culturais entre os familiares, passear no parque com os filhos – brincar, conhecer a Natureza de que fazemos parte, conhecer as plantas – nomes, utilidade, propriedades, flores, animais.

Esses tipos atividades estimulam a convivência, mais fraternidade, relação de confiança, aceitação das relações.

Valorizar o tempo disponível com atividades saudáveis em família.

Atividades com o próximo. No âmbito de atividades de auxílio fraterno temos visitação a Casas de Repouso, Hospitais, distribuição de alimentos a comunidades carentes, creches, casas assistenciais e outros.

Nessas oportunidades nós demonstramos para os filhos a importância dessas atividades no contexto social.

Uma visão mais concreta da realidade em que vivemos. Promovemos o sentimento da empatia pelo outro, observação da diversidade e a percepção de que todos fazemos parte do mesmo mundo e a interatividade ser importante para todos os níveis sociais.

É o ensinar fazendo juntos. É o exercício prático, não somente de palavras e conceitos.

Com essas atividades, estaremos proporcionando a oportunidade de observar que o mundo vai além da nossa própria realidade. Perceber o que há no mundo à nossa volta.

Não só irá valorizar melhor o que tem, como também poderá perceber o que fazer pelo outro, que é muito importante.

É uma forma de iluminar nossas horas.

Raul lembra também de precisarmos de repouso.

Equilíbrio nas escolhas das atividades.

Também nos lembra de como é importantes o compartilhamento de carinho e atenção na forma de bilhetes fraternais e palavras de consolo e incentivo.

Algumas pessoas poderão dizer não ter tempo, a vida está muito acelerada e dificilmente poderíamos encontrar um momento para esse tipo de atividade.

Vale lembrar que muitos de nós, a maioria, ousa afirmar, está conectada a uma ou até mesmo a várias Redes Sociais. Temos tempo para publicar fotos, pequenos textos, vídeos etc. Por que não teríamos tempo para compartilhar algo como: uma passagem de um bom livro, o link de um bom filme ou vídeo, uma foto com um pequeno texto alentador ou estimulante a uma atividade saudável, não só física, mas também intelectual e espiritual.

Importante começarmos a perceber as Redes Sociais como oportunidades benéficas para o trabalho de propagação de trabalhos sociais, como também a própria divulgação do Evangelho.

Exercício de paz no lar

Como nós lidamos com nossas relações no lar?

Acompanhamos com atenção o que acontece no nosso dia-a-dia?

Compartilhamos o que é importante para cada um de nós?

Depois do trabalho, cansados, sem paciência para conversar nós nos recolhemos e ficamos indiferentes ao que ocorre à nossa volta.

O proporcionar um certo conforto pode parecer o suficiente para nossa contribuição no grupo familiar. Será que só isso basta para uma convivência saudável?

É tão só para a subsistência da matéria!

É interessante compartilhar situações, emoções, experiências com os filhos, com companheiro ou companheira. Mostrar interesse pelo que ocorre no meio familiar. Mostrar-se parte importante e reconhecer no outro também parte importante nesse processo vivencial em família.

Talvez não consigamos ainda fazer algo assim. Não aprendemos no passado, não vislumbramos a necessidade desse tipo de comportamento.

Que tal começar a pensar a respeito? Dedicar-se a exercitar e valorizar. Como uma prática disciplinada, mesmo que de início não pareça carinhoso.

Em um texto de Emmanuel, em O Consolador, encontramos que disciplina antecede a espontaneidade. Praticando de forma que, em um certo dia, perceberemos estar fazendo de forma natural. (Questão 254, *in fine*)

Liberdade conjugal

Muitas vezes o casal tem como princípio que, tendo oficializado uma relação conjugal, tem restringida a liberdade das partes. Em outros casos uma das partes, ou ambas, acreditam poderem manter a mesma liberdade de antes.

Tem que haver equilíbrio. Não podemos impor ao outro aquilo que queremos. Não devermos impor determinados tipos de comportamento. Tem de existir a liberdade, o respeito pelo direito do outro. Mas não pode ser uma liberdade sem medida. Ao mesmo tempo em

que respeitamos a liberdade do outro deverá haver a responsabilidade no lar.

Separações e consciência

Muitas separações ocorrem sem uma análise equilibrada, uma reflexão mais cuidadosa dos fatos e dos comportamentos das partes, sem um diálogo consciente e. Observamos muitas vezes alegações como: não dá mais certo, não gosto, incompatibilidade de opiniões, por exemplo.

As separações deverão ocorrer, de preferência, em situações extremas. Muitas vezes são necessárias, até mesmo para o equilíbrio emocional das partes, sobrevivência, resguardo da integridade física, por exemplo. Para uma saudável educação e relação com os filhos.

Devemos avaliar a responsabilidade de cada um para a situação ter chegado ao ponto de se pensar em uma separação.

Observando o tema sob a ótica da reencarnação poderemos nos perguntar:

- qual a programação de vida assumida pelas partes dessa relação familiar? Qual o meu comprometimento?

- a separação estaria prevista, ou estamos optando pelo Plano B, de certa forma postergando acertos com os com quais nos comprometemos antes de reencarnar?

Precisamos fazer essa análise de forma consciente. Analisarmos os reflexos com relação aos filhos. Conversar com eles, expor as razões. Para que fiquem o menos desajustados possível, ou, de preferência, bem ajustados na situação apresentada.

Há outros cuidados importantes a serem observados. Alguns casais, durante o processo de separação e mesmo depois, utilizam o recurso de manipular as opiniões dos filhos, até mesmo colocando-os em condições bem desconfortáveis, para alcançar metas egoístas tornando a vida dos filhos insuportáveis.

Precisamos respeitar os filhos, dando-lhes conforto não somente material, como também, e principalmente,

emocional. Eles precisam do equilíbrio emocional, exemplos saudáveis sob o aspecto moral e espiritual. Proporcionando segurança, respeito, paz interior.

Seguir em frente de forma fraterna e equilibrada.

Sobre a criança

O Espiritismo esclarece-nos que a criança é um espírito antigo, alguns já podem ter experienciado mais vidas no corpo físico do que os pais que os acolheram. ⁽²⁾

Não obstante ser um Espírito mais antigo, ter mais vivências do que os pais, não terem alcançado uma condição moral, até mesmo intelectual, por inúmeras razões. Os pais, nestes casos, podem ter assumido o comprometimento e responsabilidade no encaminhamento dessa criança sob o ponto de vista intelectual e moral. Oferecer a essa criança condições de seguir uma vida, física e espiritual, saudável.

Mais um particular nessas reflexões sobre a criança e nossa responsabilidade.

A criança, não obstante ter encarnado com base intelectual substancial, poderá ter comprometimentos de encarnações anteriores que interferem no seu comportamento atual. Ela “sabe” mas não tem consciência do que “sabe”. O conteúdo obtido em outras vivências poderá estar adormecido. Poderá ter um comportamento resultante da carga emocional que está em seu íntimo, ainda que de forma tão somente espontânea, inadvertidamente, sem controle do que fez.

Dependendo da forma como nos comportamos com ela, poderemos promover o aflorar, nesse Espírito, determinados desvios de outras vivências encarnatórias, como também de experiências saudáveis.

Precisamos ter cuidado com nossos comportamentos com esta criança. Que tipo de atitude temos com ela? Porque, dependendo da forma como os pais se relacionarem com ela, poderão impulsionar um comportamento e ter sido exatamente este um dos compromissos dos pais: tentar ensiná-la, orientá-la para não mais agir desta ou daquela forma, oportunizando seu melhoramento comportamental, sua elevação moral e espiritual.

Poderão acabar por estimular que ela continue sendo aquele mesmo Espírito, com os mesmos desvios de outras vidas.

A nossa responsabilidade está ficando mais explícita? O aprendizado que o Evangelho nos proporciona é esse: conscientização de nossos compromissos. Consciência do que somos, do como deveremos agir, de como sermos melhores, com nós mesmos e com os outros,

Alguns podem dizer: não é fácil. Realmente não é fácil, mas não é impossível. Com boa vontade, determinação, seguir em frente e não desistir.

Cuidados com atitudes agressivas. Estas, além de estimularem uma memória anterior, também trazem a emoção “medo”. Dificulta seguirmos em frente.

Não é que não devamos ter medo, pois, de acordo com a ciência, é uma alerta colocando-nos em atitude de devesa, de observação, de cuidado. Despertar para o limite saudável. No entanto, não pode ser “congelante” que me impeça de seguir em frente, de realizar algo. Um limiar muito sutil e precisamos estar atentos, sermos observadores.

Imaginemos a dor, para nós adultos com alguns anos de aprendizado como encarnados, imaginemos para uma criança. Medo do pai, da mãe, de alguma coisa que os pais provocaram. Precisamos estar atentos para nossos comportamentos com as crianças, até mesmo adolescentes e jovens, que estão sob nossos cuidados.

Gostaria de deixar aqui uma reflexão, que não é do Raul Teixeira. De acordo com pesquisa que realizei, é do filósofo Mário Sérgio Cortella:

“O mundo que deixaremos para nossos filhos depende dos filhos que deixaremos para o mundo.”

Importante reflexão. Convida-nos à responsabilidade. Qual o tipo de criança que estamos criando para o mundo? Que tipo de jovem estamos criando para o mundo?

O mundo vai ser melhor à frente de conformidade com as crianças que estão crescendo e vão trabalhar nesse mundo.

Cuidemos das crianças

Parece estar no âmbito das reflexões anteriores, mas tem um enfoque um pouco diferente.

Nossos filhos, mesmo que não tenhamos consciência do fato, olham para nós e querem repetir o que fazemos. Somos referência para eles – atitudes, desejos, forma de vestir. Caso não gostem da forma como nos mostramos para eles, buscam fazer exatamente o oposto.

Há um texto muito interessante e profundo a respeito dessa abordagem. Começa mais ou menos assim: Quando você pensava que eu não estava olhando "eu vi você distribuindo comida e roupas para pessoas necessitadas..." E segue com enumerando atitudes em que a criança demonstra estar observando a mãe inúmeras situações do cotidiano. É muito bom e abre-nos os olhos para atitudes nossas, focado pela criança nos aspectos positivos. Leva-nos a pensar na possibilidade de estarmos agindo de forma negativa e sermos observados pela criança e pelo jovem sob nossa responsabilidade.

Abençoe o seu filho

O que seria abençoar o filho?

Lembrando a passagem do Evangelho quando Jesus diz: "Deixai vir a mim as criancinhas, porque dos tais é o Reino dos Céus."

Abençoar nossas crianças é permitir que elas conheçam Jesus.

Como? Na atitude no Lar, levando para a Evangelização, para atividades fraternas, conhecer o outro nas suas necessidades, mostrar o mundo do Mestre.

Eliseu Rignonatti, em o livro Evangelho dos Humildes, tendo como referência a passagem citada acima, apesar de parecer aos discípulos estar pedindo que deixassem as crianças estarem ali com ele, estaria alertando para algo muito mais profundo. Estaria o Mestre dizendo que permitissem às crianças conhecê-lo, virem até Ele no sentido de conhecer Seus ensinamentos, o Evangelho. Saber o quanto é importante em nossas vidas.

A mulher e seus filhos

Gostaria de trazer um olhar atualizado para a questão de a mulher ter sido concedido a condição física e psicológica para ser mãe (condição mencionada no livro sob referência).

Atualmente há muitos pais tomando a atitude de compartilhamento na condução das vidas dos filhos, com muita competência mesmo. A dinâmica da vida atual leva-nos à tomada de responsabilidades antes não tidas como necessárias no cotidiano do casal. Participam tanto da manutenção da casa como também dos filhos, indistintamente. Exemplos importantes para os filhos.

Bom lembrar aqui uma situação social que se apresenta com muita evidência atualmente. As relações homoafetivas. Precisamos ter consciência da necessidade de revermos conceitos antigos. A inclusão das pessoas independente de suas escolhas, por mais diversas que possam nos parecer.

"Todos nós somos filhos do mesmo Pai, o Criador. Somos todos irmãos. Precisamos buscar a felicidade - destino final de todos nós." ⁽³⁾

Convivência Sagrada

Observemos nossas ações e procuremos identificar as que promovem ou poderão promover o melhor para a sociedade em que estamos inseridos. Procuremos identificar também as que, no passado remoto e ou mais recente, são nitidamente dirigidas para que se mantenha uma realidade de manutenção de um poder que não quer abrir mão do seu domínio e muito menos disponibilizar conquistas sociais, tecnológicas e políticas.

A decisão é pessoal e deve ser resultado de uma reflexão séria, consciente, equilibrada, sustentada no conhecimento, em informações fidedignas, para que se alcance um resultado que verdadeiramente corresponda ao que cada um entenda ser o melhor.

Decisões implica em responsabilidade, obrigações e resultados.

Quando tomarmos decisões, sejam envolvendo aspectos pessoais, familiares ou sociais, estejamos prontos a assumir a responsabilidade, cumprir as

obrigações dali resultantes e administrar as consequências delas decorrentes.

Sejamos autênticos, conscientes, responsáveis, justos, coerentes, imbuídos de bom senso e vontade de acertar, não só em favor de nós mesmos, de interesses pessoais, mas principalmente em favor de uma sociedade mais justa onde o direito prevaleça para todos, independente de classe social, econômica e cultural. ⁽⁵⁾

⁽⁴⁾ Estudos Espíritos, Joanna de Ângelis, por Divaldo Franco, FEB

⁽⁵⁾ www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/ágape/amor_fraternal

⁽⁶⁾ Mensagens – Livro VII, Elda Evelina, Bookess Editora

⁽⁷⁾ Transcrição de parte do áudio do Estudo oferecido pela autora (Referência - livro Vereda familiar, de Raul Teixeira, FEB Editora) - www.eldaevelina.com/relacoes-familiares/ e <https://youtu.be/7zeBKTXNdW0>

⁽⁸⁾ No livro Aprender com o Mestre - Sobre o Amor, Cap. Convivência Sagrada, Elda Evelina Vieira, Bookess Editora

Áudio do Estudo oferecido no Grupo Espírita Casa do Caminho em 21-11-2019 - <https://youtu.be/7zeBKTXNdW0>